

Accção Social

SEMANARIO CATHOLICO

(COM APPROVAÇÃO ECCLESIASTICA)

Redactor principal,

Padre Alexandrino José Leituga

Editor e proprietario,

João de Sousa

Redacção e Administração—Rua de S. Francisco, 36

ASSIGNATURAS:

Anno 15200 — pelo correio 15350
Semestre 600 — " " 670
Brazil e Africa, anno 230.0
Numero avulso 40 reis

ANNUNCIOS:

Corpo do jornal, por linha 80
Secção d'annuncios, por linha 50
Repetição, por linha 40
Comunicados, por linha, 60
Annuncios permanentes, contracto especial

Comp. e impr. na Typographia Landolt—Barcellos.

PORTUGAL LIVRE

Portugal não podia viver, nem ser grande, ferropedo á tyrannia demagogica.

Para que Portugal pudesse afirmar a sua existencia de nação livre e independente, preciso era que elle fôsse de todos nós, de todos os portuguezes e não apenas d'uma oligarchia, que fazia novos ricos e que arredava os bem intencionados de cooperarem lealmente nos destinos da Patria.

E a nau da Patria, timoneada por filhos degenerados, singrava mares revoltos; e o esbravejar de rude tempestade, preparava-se, a celeres passos para a fazer desaparecer do numero das nações independentes.

Portugal não podia viver, ferropedo á tyrannia demagogica.

E tambem não podia ser grande e conservar as bellissimas tradições, que nos plintos da Historia, vivem immortredouras. Era uma clientella de vaidosos, que só se impunha pelo Terror, quem mandava os nossos irmãos, nas plagas inhospitas da Africa, faltando-lhes tudo—armamento e munições—caminhar para uma lucta inglória, para um desastre certo.

E, n'estas condições, a bravura leonina dos soldados portuguezes de modo algum podia contender com a assombrosa desigualdade dos seus inimigos.

E fazem-se ouvidos surdos ás patrióticas reclamações do General Gil!

Portugal não podia ser grande, ferropedo á tyrannia demagogica.

Mas... surgiu a aurora d'um bello dia. A tyrannia foi escorraçada, heroicos portuguezes levantaram-se briosamente e esmagaram a hydra.

O seu intento foi nobre — enxotar os vampiros do thezouro público e reconstruir a obra da reconciliação nacional.

E os homens de valor de Portugal sahiram do fetrahimento em que eram forçados a viver e correram a prestar o seu concurso de sacrificio para a salvação da Patria.

E esses homens veem com satisfação que os que sustentam as redeas da governação lhes abrem os braços, com agradecimento e se utilizam, reconhecidos, dos seus valiosos serviços. Parece agora que já a Patria é de todos nós.

E, se os erros dos homens não tollherem a auspiciosa obra, que se nos desenha salvadora, se as liberdades e direitos expoliados fôrem integralmente restituídos, Portugal livre pôde ainda viver e ser grande.

Assim o deseja o povo portuguez, que vê com alegria o ressurgimento nacional.

Não admira, pois, que fôsse imponentemente triumphal, apesar da inclemencia do tempo, a visita do sr. Presidente da Republica, Major Sydonio Paes, ao norte do paiz.

Flôres aos braços, mesmo na áspera quadra do inverno, eram lançados sobre aquelle corpo, de apparencia franzina, mas que em seu peito d' aço encerra um coração generoso, mas que é duma envergadura mascula que raro apparece, mas que não recua, antes ardorosamente defronta todos os perigos e todas as traições.

E onde quer que elle apparece, as saudações frementes repetem-se delirantes, as benções do povo simples, desopprimidas da tyrannia dissolvente, são-lhe dirigidas n'uma satisfação cordeal e as palmas atroam os ares, ao mesmo tempo que a Patria é ferrentemente saudada.

A Patria é de todos os portuguezes!

Que bella afirmação, sahida dos lábios do primeiro magistrado da nação portugueza!

A pacificação da familia portugueza, eis o scopo a que miram todos os seus esforços, segundo afirmação sua, feita em hora solenne. Que todos trabalhem pela felicidade da Patria, não havendo para elle distincção de monarchias ou de republicanos, de catholicos ou de atheus, porque todos teem o direito de livremente pensarem, mas de serem tratados como filhos da mesma patria—eis o seu desejo, claramente manifestado.

E' boa esta doutrina, mas que não estavamos acostumados, ha já bastantes annos, a ver traduzida na pratica.

Os catholicos, roubados e escarnecidos, embora mostrando por actos que sempre os norteava a luz brilhante da felicidade da Patria, eram pelas lojas e pelas seitas atirados ás fêras, desprezados, injuriados, desterrados, como que fossem portuguezes degenerados.

A lei não era igual para todos, a lei era o arbitrio, a lei... não era a lei.

E Portugal precisa de viver, Portugal precisa de continuar a ser grande, pelo heroismo e pela sua fé.

Portugal hade viver e hade ser grande. Para a conquista d'esse desideratum glorioso, d'esse ideal sublime, pôde a Patria contar com o concurso dos catholicos, que não lhe regatearão canceiras, nem sacrificios.

Viva Portugal livre!

o dinheiro da Igreja

Vão-se averiguando coisas mirabolantes.

As comissões dos bens ecclesiasticos do Estado—são ecclesiasticos ou são do Estado?—dizem as notas officiais que se teem abotoado com todo o rendimento dos passaes e d'outros proventos, porque a Comissão Central nada tem chegado da maior parte dos concelhos.

Não lhes queimarão as consciencias?

Não virá o remorso atormentá-los?

Faça-se a immediata restituição aos seus legítimos possuidores, que dos seus successores deixarão intactos os bens que, por direito usufruam.

A Deus o que é de Deus e para Cesar fique o que de Cesar é.

a "Accção Social"

é o jornal de mais larga tiragem e circulação do concelho de Barcellos

NOVO ANO... NOVA VIDA!

Findou o ano de 1917, sem que nos deixasse a mais leve impressão de saudade. Assinalara-o privações de toda a ordem, foi verdadeiramente tragico e funesto.

Os odios medraram na sociedade portugueza, degladiando-se estupendamente filhos da mesma Mãe comum, a Patria, e o sangue de irmãos correu abundante, tingindo a beleza sentimental da sempre domavel raça luzitana. A tão falada sciencia politica revelou-se no cerebro dos nossos politicos uma falida arte de alvejar inconscientemente o que de mais belo e sublime existe nos reconditos da consciencia: os sentimentos.

Os programas vistosos e pomposos dos partidos foram rasgadas no alvitamento das paixões, sepultando no seu desmoronar as poucas ideias virgens e pensamentos puros que porventura ainda podiam existir.

A guerra, essa monstruosa peleja titanica que ensanguenta a velha Europa, atirando para o campo da lugubre orfanidade tantos e tantos milhares de creancinhas juvenis—quais aves implumes sem ninho!—só na Caridade, nessa nobilissima Caridade Christã—encontrou a possível suavidade, pois, quanto aos efeitos da diplomacia o ano findo foi de atroz sofrimento para os povos latinos, ao lado de enja Rainha, a França, que eu admiro pela vastidão dos seus eruditos, continuou fiel, valente e altiva á Belgica, esse pequeno Paiz mas grande Lar onde as virtudes christãs se praticavam na mais lata extensão da palavra, aguardando piamente a hora da expiação do seu martirio. Não tinha este povo, catholico por excelencia, um lugar de destaque entre as demais nações, com as quais rivalisava na manufactura do seu comercio?

Os idolos das multidões faliram ruidosamente, os grupelhos avançados mais uma vez deram sobejas provas do que são e valem. Em França, atração o altar da Patria, simbolo sacratissimo dos mais enternecidos affectos, esse nefando Caillaux, porta-bandeira e pigmeu-mór do radicalismo, acusando-o a consciencia pública de ter entendimentos secretos com agentes inimigos. Com este facto, duma gravidade extrema e revelador da mais infame traição, contrasta singularmente, duma maneira eloquente, a birosa falange dos catholicos francezes, cuja voz austera ainda não ha muito supplicava aos soldados que marchassem em nome de Christo e de Joana d'Arc, já que em nome da França hesitavam sensivelmente.

Tambem não ha muito que, nos ultimos paroxismos duma daquelas batalhas que ficam assinaladas pelo impeto e vehemencia dos combatentes, um general, illustre entre os mais distintos, conduziu brilhantemente as suas tropas para um assalto, empunhando e mostrando-lhes a Cruz, aquela Cruz onde, no epilogo duma tragedia sem equal, se reatou o Céu benigno á Terra miserável.

A revolução anarchica da Russia levou aquelle vasto Imperio para as mais degradantes scenas que se pode imaginar. Comités de soldados, "soviets", camponezas, operarios, tudo isto, infelizmente, arruinou e sepultou uma Nação que, podendo ser grande, por que grandes são as suas fronteiras, baqueia lentamente, no meio duma convulsão fatal.

Quem a perdeu? O desvairamento popular, a cegueira politica e o radicalismo ignobil dos seus processos.

O ano que findou patenteou-nos isto tudo. Uma desgraça completa. Iniciemos, todos, novos processos de vida, rejuvenescida pela seiva do Homem-Deus, ha pouco nascido, se quizermos tentar, ao menos, o equilibrio da nossa fama de —"antes morrer que torcer".

Ilidio d'Oliveira

A lei de separação

No nosso presado collega, a «Patria», lemos as seguintes judiciosas considerações, a proposito das louvaveis intenções do governo, sobre tão momentoso assumpto:

«Na sua tarefa de remodelar os serviços publicos que uma má orientação e pessima legislação embaraçaram, contrariando os sentimentos do paiz, diz-se que o governo pensa em cortar as tais arestas vivas ás chamadas lei da separação, esse producto da imposição do livre pensadentismo a que o sr. Affonso Costa chamou a lei basilar da republica, intangivel como a mulher de Cezar.

Vae o governo tocar n'essa monstruosidade que feriu crianças, que abalou profundamente a sociedade portugueza, que violentou direitos e que usurpou a propriedade constituída ou organizada pelo foro intimo da crenga popular, cada vez mais arreigada, a despeito d'aquella frase aggressiva e ilogica do idolo esborrachado,—de que a religião terminaria, em Portugal, em duas gerações. Para que se restituam direitos e se respeite o que Affonso Costa tentou arrastar com impetos sacrilegos, na lama das suas ambições de reformador autocrata, o governo bem merecerá da opinião publica offendida, recompensando a consciencia nacional com uma remodelação profunda na lei da separação, de forma que á igreja portugueza e a todos os seus elementos de propagação espiritual, sejam dadas as satisfações a que tem direito.

Só assim se harmonisará a vida nacional perturbada durante sete longos annos de prótervias e de violencias, de vexames e de tyrannias.

A hora é de saneamento e a consciencia nacional, ainda amordaçada, precisa de quem a liberte com a pureza de medidas que saudam, com a valentia dum cyclone, essa montureira ignobil que ha de servir para sempre, de tumulo ao nefasto bando demagogico.»

Tem de ser effectivamente profunda a remodelação, porque a consciencia catholica está gravemente offendida e ha muito roubo a restituir, muitos direitos usurpados a satisfazer, muitas pustulas a sanear, muitas liberdades, que escorrem sangue, a outorgar.

E' preciso uma mão de ferro, para se construir a machina quasi desconjunctada.

Bem haja o Governo, que tão effectivamente procura pacificar a familia portugueza, que muito deseja ver reatadas as relações com a Santa Sé.

E' preciso acabarem de um vez as tyrannias e os vexames e os roubos.

Quereis uma instalação electrica barata?

—Pedir preços á

“Instaladora”

Largo Bom Jesus da Cruz, 14-1.º

BARCELLOS

Liberdade, Liberdade!
anhelam os
catholicos portugueses

No curto espaço dum mez acaba o paiz de ver, entre surpresa e goso, o ruir, o desmantelar do sinistro edificio do despotismo alfonzista, alicerçado na lama putrida da mais baixa, repelente demagogia, argamassada d'odio, de violencias, corrupção, de deboche, de podridão, na phrase concisa mas auctorizada, cantante do valente Sydonio Paes, o glorioso chefe que a nação aclama e saudá em éstos ferventes de gratidão e ardor patriótico.

Portugal respira agora, satisfeito, depois desse duro enervamento de 7 annos em que, gelado de terror, manietado, amordaçado, quasi sem esboçar um gesto de repulsa, gemeu sob o peso opressor d'uma tyrania estravagante, infernal, que, para maior afronta, avelava a mascara da democracia.

Agora electrizada perante a figura do seu inesperado e excepcional libertador—qual resurreição dos lendarios heroes da nossa historia—expande-se jubilosa a alma nacional, irrompe em explosões de carinho sorridente, de enthusiasmo frenético, tanto mais espontaneos, intensos, ruidosos, quanto mais dura e bravía fôra a coacção, o captivo, a contensão.

As hordas selvagens de bandidos, assalariados e arregimentados pelos tubarões do democratismo, unicos que poderiam empanar com as suas vis façanhas estas delirantes ovações nacionaes—sumiram-se; ante o sol radiante da liberdade, para os seus *bas-fonds*, como as feras que ás primeiras claridades do sol fogem para os seus covis.

Para este grandioso côro de aclamações e de regosijos, em cujo fundo o heroe vem ajusar do estado da alma portugueza, tem concorrido sobremodo os catholicos e monarchicos: aquelles, porque tendo sido lentamente espoliados, espelhados, tratados como párias, soffreram dos tyrannos, no seu derradeiro estrebuchar, como ultima affronta, a iniquissima expatriação de dois dos seus mais illustres e prestigiosos bispos; estes que, depois de truceis provações e infamias, viram atiradas para o exilio, pelos garrotadores de todos as liberdades, alguns dos seus mais intemperatos jornalistas.

ORA, que é o que inspira semelhante regosijo, tão vivo enthusiasmo aos catholicos?

Esperança de favores, visões de privilegios, ambição de predomínios?

Não!
Situções de pavor, de privilegio experimentou-as já a Igreja em tempos que já lá vão; mas foi á custa de aviltantes humilhações, de restrições de justas liberdades, de abdicção de direitos inatferíveis de perdas deprimentes de independência e dignidade.

Isso deu-nos a vergonha de ver pessoas e instituições ecclesiasticas, enervadas, corrompidas avassaladas por despotas, como o marquez de Pombal, tornarem-se instrumentos doces de semelhantes potentados em iniquidades como a brutal expulsão dos jesuitas, os excessos cruceis da Inquisição, etc., iniquidades essas que a religião contradiz e a Igreja reprovou e lamenta.

Isso em epoca mais recente, quando o constitucionalismo evocou a si os bens ecclesiasticos e se arvorou em padroeiro unico, fez-nos ver com magna os passais e mais bens da Igreja tornados em ponto de caquismo politico, relaxamento da disciplina ecclesiastica, baixezas compromettedoras, desprestigio do clero e desmoralisação do suffragio popular.

Isso não!
Não aspiramos a privilegios, situações de favor.

No estado actual da sociedade, dividida por mil correntes d'opinões, a Igreja, os catholicos queiram a tolerancia para todos, a liberdade, sem monopolio para ninguem. Reclamam a egualdade de todos perante a justiça e o direito comun, de forma que a Igreja possa viver no Estado, tal qual é, com a sua

disciplina, com as suas instituições, com os haveres necessarios ao exercicio da sua missão, como na Suissa, Nort' Americana, no Brazil. A liberdade é a atmospheria propria da Igreja e é por isso, próspera onde a liberdade não é uma burla, como o foi entre nós.

V. A.

As subsistencias

Tratando aqui, em nosso numero anterior, deste assumpto, escrevemos que haviam cessado os rumores, que em tempo corriam, de estar a sahir milho, em grande quantidade, para fóra do nosso concelho.

A verdade, porém, o que ao tempo ignoravamos, é que este cereal continua a ser transportado, em abundantes quantidades, para fóra deste concelho, dizendo-se nos, que essa exportação se vem fazendo até como nunca se fez, para os lados do Tamel.

E' verídico? Acreditamos que é verdade, não só pela pessoa que do facto nos informou, como tambem pela noticia que se inseriu em o numero anterior, enviada pelo nosso solicito correspondente de Valle de Aguiar, de ter o sr. Administrador d'este concelho ido alli effectuar uma grande porção d'aquelle cereal.

Pois ex.^{ma} comissão local de cereaes: é indispensavel que v.v. ex.^{as} olhem para isto, com olhos de ver, como lh'o exige a situação.

Não vai o tempo para se cruzarem os braços e deixar correr tudo ao "Deus dar,,". E' preciso energia, porque não ha nada que mais mal aconselhe, do que a fome do pão!

Nem tudo se resolve pelo *Diario do Governo* nem pela comissão central das subsistencias. Nas cabeças dos concelhos, as comissões locais tem muitissimo que fazer, e responsabilidades grandes pézam sobre ellas. E' preciso trabalhar com decisão e haver unidade de acção, por parte das auctoridades e de todos quantos estão incumbidos de tratar deste assumpto melindrosissimo, que é a crise das subsistencias.

E vem a talhe de foice o perguntar-se o que é feito do celeiro da villa, onde está a metade do milho que vinha de fóra do concelho e que se dizia ter sido destinado pelo Administrador do concelho no tempo do governo democratico: para o celeiro.

Ouvimos a pessoa seria que o celeiro da villa tem pouco milho e que d'aqui a pouco as dificuldades serão immensas. E' verdade isto?

Deixaremos outras considerações que o assumpto nos vem suggerindo, para pedir, unica e simplesmente, á ex.^{ma} comissão local dos cereaes e ao sr. Administrador do concelho, que olhem attentamente para o assumpto das subsistencias, especialmente no que se refere a pão, pedido este que fazemos em beneficio de todos.

Contribuições Municipaes

Estão a cobrar-se, pelo cofre municipal (rua D. Antonio Barroso, n.º 103), as contribuições municipaes directas e indirectas. Aquellas que são constituídas pelas percentagens additionaes ás contribuições geraes do Estado, são cobradas: até ao dia 15 de Fevereiro proximo, em uma só prestação, as de quantia inferior a dez tostões, e a primeira prestação das duas em que foram divididas as quantias superiores aos referidos dez tostões.

O contribuinte que pagar na recebedoria do Estado, tambem tem contribuição a pagar na thesouraria da Camara.

Porisso, ao mesmo tempo que vai á recebedoria pagar a sua contribuição, irá ao cofre da Camara pagar a percentagem que pertence a esta.

Ha muitos individuos que viram n'esta deliberação da Camara, em cobrar por sua conta as contribuições e os impostos, um mau acto, quer politico, quer

de administração. Essas pessoas é que não sabem, ou não querem saber, a razão que levôu a Camara a tomar aquella deliberação, só demonstrativa do espirito de economia que tem presidido, e é preciso que presida sempre ás deliberações da Camara.

Explicamos. As percentagens, additionaes ás contribuições geraes do Estado, andam por doze contos para as despesas de instrução primaria (ordenados aos professores e subsidios de residencia) e por onze contos para as despesas geraes do municipio. São, ao todo, uns 23 contos. E o Estado, por esta cobrança, recebe cinco por cento que, applicados aos 23 contos, dão a linda somma de mais de um conto e com mil reis!

Na cobrança d'este rendimento municipal, o thesoureiro da Camara não tinha percentagem alguma. Mas veio ultimamente publicada uma lei, que dá ao referido thesoureiro direito a receber a percentagem de dois por cento em todas as receitas municipaes, inclusive as que sejam cobrados pelo Estado. Nestas condições a Camara ia ver cercada as suas receitas em cerca de 1.600.000 reis, o que é uma redução enorme, para um municipio que tem uma receita reduzidissima.

A Camara, pois, resolvendo cobrar por sua conta as percentagens additionaes ás contribuições do Estado, teve em vista economisar o dispendio dos cinco por cento que pagava ao Estado. Pôde argumentar-se, e é verdade, que a Camara ia gastar dinheiro na montagem d'este serviço. E' certissimo, isto. Mas o que pode responder-se a este argumen-

to, é que a Camara gastava, como gastaria, no primeiro ano, uma somma de dinheiro que em *nenhum* outro ano gastaria. O serviço ficou montado e todos os elementos para o lançamento os posue já a Camara. Em annos futuros este serviço faz-se com pouco dinheiro—mesmo com muito pouco dinheiro.

Ha um argumento, que anda para ali na boca de muita gente, para demonstrar, que a Camara não andou bem: esse argumento é: que muita gente deixará de pagar a sua contribuição—por ser á Camara.

A este argumento pode responder-se: que se o contribuinte não pagar, o mal é d'elle, porque quem responde pela importancia do imposto não é o contribuinte, mas o predio ou o objecto sobre que incide a contribuição.

Ainda outro argumento: é que o relaxe das contribuições da Camara é feito ao juizo de direito e que, alli, esses processos têm de andar conforme a empenhoca e a prêssa do escrivão. A isto responde o art.º 57 da lei n.º 621 publicada no "Diario do Governo" de 23 de Junho de 1916:

"Recebidas pelo agente do Ministerio Publico as certidões de relaxe, promoverá, dentro de quinze dias, o processo executivo, nos termos do Capitulo IV e seguintes do Codigo das Execuções Fiscaes, não podendo este processo estar parado mais de quinze dias no cartorio do escrivão."

O assumpto, porém, não pode caber em um ligeiro artigo. Assim, voltaremos a trata-lo já no proximo numero, se o espaço nol-o prometer.

O Chefe do Estado visita o norte do paiz

Chegou no ultimo sabado ao Porto, por onde começou a sua visita ao norte do paiz, o sr. dr. Sydonio Paes, chefe valoroso do movimento revolucionario que arrancou o poder ao partido democratico e que, como presidente do governo sahido d'essa revolução, vem satisfazendo ás aspirações do povo portuguez, restaurando o principio da ordem e da disciplina, em todos os órgãos da administração pública.

No Porto, sua ex.^a foi carinhosamente recebido pelo povo trabalhador da cidade da Virgem, sendo ahí alvo das mais estrondosas manifestações. O alto commercio, representado pela Associação Commercial de Porto, a quem o governo democratico havia tirado o sumptuoso edificio da Bolsa, soube manifestar a sua sympathia e o seu agradecimento a quem lhe retribuiu o seu riquissimo edificio.

O sr. dr. Sydonio Paes fez alli affirmações que muito boa impressão deviam ter produzido: devem pôr-se de parte todas as divisões politicas para não haver monarchicos nem republicanos, mas sim e sómente portuguezes, porque o governo está pronto a estender a mão a todos quantos com lealdade lh'a estendam.

E' uma politica nacional, a que se propõe seguir o governo que sobre si tem o peso do ideal da revolução de Dezembro, a que tem de satisfazer, aniquilando toda a corrente de indisciplina e de desordem a que estava acorrentado o partido democratico, não apoiado pelo povo que trabalha, mas sustentado pelo terror.

Em Braga, onde o illustre Presidente da Republica veio, na ultima segunda-feira, acompanhado pelos ministros que com sua ex.^a vieram ao Porto—os srs. Xavier Esteves e Barbosa de Magalhães—o enthusiasmo era delirante, vendo-se na manifestação, que foi imponente, tudo quanto Braga conta de bom.

Na sua passagem para a capital d'este districto, o povo das freguezias de Viatodos e circunvizinhas a esta fizeram ao chefe do governo na estação de Nine, uma manifestação calorosa, que muito teria sensibilizado o sympathico heroe da revolução nacional de Dezembro ultimo. A *gare* encontrava-se profusamente embandeirada. E quando chegou o comboio correio, em que vinha o sr. dr. Sydonio Paes e seus companheiros de viagem, da multidão que quasi enchia a espacosa *gare* irromperam vivas freneticos á Patria, ao mantenedor da ordem pública, ao Presidente da Republica, ao exercito e aos alumnos da escola de guerra.

De Barcellos foram a Nine, cumprimentar o sr. dr. Sydonio Paes, os srs. drs. Porfirio Antonio da Silva, administrador do concelho, Silva Monteiro e Moraes Campilho, meritissimos juiz e delegado; dr. Vieira Ramos, presidente da Comissão Executiva da Camara, e os vereadores, srs. Aurelio Ramos, João Cruz, Joaquim José d'Oliveira, Manuel Quintas e Sebastião de Brito, apparecendo depois em Braga o vereador sr. Joaquim d'Araujo, os srs. dr. Luiz de Mattos Graça, Antonio Cardoso Albuquerque; os escrivães, srs. Manuel Cardoso e José Monteiro, o contador da comarca, sr. dr. José de Castro Faria; o sr. Visconde da Fervença; o representante do Sindicato Agricola e redactor da "Folha da Manhã", sr. Albino Leite; os negociantes srs. Luiz Carvalho, José Ferreira Lemos e Raúl Velloso; o notario, sr. dr. Augusto Mattos; o redactor d'este jornal e vogal da Associação Commercial, sr. João de Sousa; e o sr. Camillo Ramos.

A Associação Commercial esteve largamente representada pela maioria da sua direcção, srs. João Carlos Coelho da Cruz, Aurelio Ramos, Sebastião Brito e João de Sousa. O Centro Catholico esteve representado em Braga, na recepção dada pe-

lo Chefe do Estado no Governo Civil, pelo presidente da comissão eleitoral, sr. Abbade Alexandrino Leituga.

De Nive a Braga, o sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara, acompanhou, na carruagem-salão, o sr. dr. Sydonio Paes.

Na estação de Nive, vimos, além de outras pessoas de representação social, os nossos amigos, srs. José Monteiro Torres, P.^o Garcia Oliveira e José Alberto Martins.

Em Braga, a recepção foi surpreendente. Na Camara, s. ex.^a fez um discurso que produziu muito contentamento pelas afirmações que fez, de que a obra da revolução hade triumphar, custe o que custar.

Dizia-se, em Braga, que desde a implantação da Republica, foi esta a melhor e mais estrondosa manifestação que alli tem sido feita. O desfile das tropas foi feito com entusiasmo.

E pôde dizer-se que o sr. dr. Sydonio Paes teria comprehendido, n' estas manifestações, que o povo appoia o governo. Não são manifestações partidarias, mas antes manifestações nacionaes, por todos comprehendem que chegou a hora de se pôr de parte a politica partidaria para se ser apenas portuguezes, por assim o exigir o interesse da Nação.

Em Guimarães, para onde o illustre Chefe do Estado seguiu, após a recepção no Governo Civil, em Braga, a recepção foi mais entusiastica ainda, dizendo-se, até, que ella foi a mais imponente de toda a viagem presidencial.

Em Barcellos, terra que se tem mantido, atravez de tudo, na politica conservadora, tendo sido Barcellos o primeiro concelho do paiz que se soube manter firme nas convicções do seu povo — aqui tambem o heroe do Parquê Eduardo VII foi alvo de uma bem significativa manifestação de sympathia, manifestação esta que se traduz apenas num gesto nobre de appoio ao governo.

Todos se conservaram no seu posto, é certo, mas todos leem comprehendido que deante da situação creada ao paiz pela revolução de dezembro, o patriotismo de todos impõe o *dever* de rodearem o misterio que se propõe fazer obra nacional, de paz e de concórdia, uma obra de portuguezes. E é assim que se explica o facto de a estação do caminho de ferro ter ido saudar o Chefe do Estado, monarchicos e republicanos.

E a manifestação de Barcellos, preparada apenas com algumas horas de antecedencia, deve ter produzido no espirito do sr. dr. Sydonio Paes a impressão de que quando o povo de Barcellos está ao lado do Governo, com elle estará o paiz inteiro!

Havia-se annunciado que o illustre Chefe do Estado passaria para Vianna no comboio-correio das 10 e 39 da ultima terça-feira, e para esta hora foram combinados os cumprimentos ao chefe do Governo. Cerca das 9 horas foi recebido um telegramma, annunciando que s. ex.^a passaria aqui uma hora mais cedo, pois viajaria em comboio especial. Apezar de assim ter acontecido, muitas centenas de pessoas foram á estação, acompanhadas de uma banda de musica. Lá estava um contingente do nosso batalhão de infantaria, commandado pelo capitão sr. Menezes. A' chegada do comboio, o povo levantou frenéticos vivas á Patria, ao Exército, ao sr. dr. Sydonio Paes e Presidente da Republica, a que s. ex.^a correspondeu, levantando vivas a Barcellos, á Patria e á Republica. Trocados ligeiros cumprimentos, foi combinado entre o sr. dr. Sydonio Paes,

Presidente da Camara e Administrador do Concelho, que no regresso ao Porto do sr. Presidente da Republica, na estação do caminho de ferro lhe seriam feitos os cumprimentos officiaes.

Assim aconteceu.

A' NOITE

A' passagem do sr. dr. Sidonio Paes, de regresso de Vianna ao Porto, Barcellos fez ao chefe do Estado uma manifestação calorosissima, manifestação essa que se tornou n'um claro appoio á obra do governo — á obra de saneamento moral a que se impoz o governo sahido da revolução de dezembro.

Não foi uma manifestação de character politico, é necessario dizelo, porque foi apenas uma manifestação de portuguezes que no momento actual abatem as bandeiras do partidario para se colocarem ao lado de quem se confessa disposto a continuar uma obra verdadeiramente nacional — uma obra de paz e de concórdia, obra somente portugueza.

Havia-se annunciado, que o comboio especial chegaria a Barcellos pelas 6 horas da tarde; mas já muito antes d' esta hora o povo se apinhava na *gare* da estação. Estavam alli largamente representados; o corpo judicial, a camara municipal, o 3.^o batalhão d' infantaria 8, as Associações locais, a auctoridade administrativa, o comercio, a industria, o capital e o trabalho, com a banda e corpo activo dos Bombeiros Voluntarios e o pessoal do correio e telegrafo.

Eram milhares de pessoas que occupavam os largos fronteiros da estação, a *gare*, os caes e os terrenos contiguos á linha.

A estação fora iluminada a luz electrica, com lampadas de grande intensidade e lampadas das cores nacionaes.

Passou o comboio correio para o Porto, ás seis horas e meia; passou o rapido do Porto a Vianna, ás sete e meia; e então se soube que o comboio presidencial só estaria em Barcellos depois das nove horas, o que de facto aconteceu.

Quasi toda a gente havia ido para alli sem ter jantado ou ceiado. Alguns invadiram os restaurantes do largo da estação; outros tiveram tempo de irem ás suas casas; mas muitos outros conservaram-se alli por espaço de mais de trez horas, á espera do comboio, tal era a ancia de saudar o homem em quem o povo portuguez põe todas as suas esperanças, esperanças na salvagão da Patria e no esmagamento da politica da tyrania, da politica que vinha sendo sustentada á custa do thesouro publico — politica sectaria que o povo portuguez sofreu e aguentou desesperadamente durante sete longos annos!

Chega a noticia da partida do comboio da estação de Barrozzellas! Aquella massa enorme de povo comprime-se mais ainda. Não havia forças humanas que a contivessem em silencio. Por todos os sitios era a mesma agglomeração de povo.

Ouve-se depois um silvo da machina, e o estoirar dos morteiros. Entrava nas agulhas o comboio. D'aquella multidão irrompem os vivas, quentes, calorosos — vivas á Patria, ao Exército, ao sr. Sidonio Paes, ao Presidente da Republica, á nova Republica, á revolução de outubro, ao seu chefe — vivas que eram correspondidos pela alma entusiasmada d'aquella povo que olhava para o sr. Sidonio Paes com veneração.

Sobem á carruagem salão o sr. administrador do concelho, presidente da camara e vereadores, muitas senhoras, o corpo judicial, officiaes do batalhão, representantes de associações, e cumprimentar o sr. dr. Sidonio Paes e a saudal-o.

O chefe do Estado é então alvo de uma manifestação carinhosissima.

Os vivas não cessam. As palmas ressam.

O chefe do governo aproxima-se mais da portinhola da carruagem, dando signal de que vai fallar.

Estabelece-se então um silencio profundo, quasi se não respirando.

O sr. dr. Sidonio Paes dirige-se ao povo de Barcellos, gritando-lhe: *povo de Barcellos!* — e diz-lhe que sabe bem o que este povo sente, o que este povo quer.

Diz-lhe que esteja certo de que o seu ideal ha-de ser satisfeito, que é o ideal de todos os portuguezes, que n' este momento manifestam tão claramente o seu appoio á obra do governo, á obra que ao governo foi imposta pela revolução de 5 de dezembro.

E acentua, com calor e profunda sinceridade, que o governo ha-de cumprir essa missão, custe o que custar, sob pena de trahir a ideia que inspirou os revolucionarios.

Fique certo o povo de que o governo ha-de esmagar a demagogia, e a obra tyrannica e dissolvente dos governos passados, que vinham opprimindo a consciencia nacional.

Não podemos traduzir a impressão de entusiasmo que produziram as palavras do sr. Presidente da Republica, nem podemos sequer dar uma palida ideia do seu discurso, cheio de palavras de sinceridade.

Quando s. ex.^a disse que queria o coração de todos os portuguezes bem unido ao seu, para o seu sentir como o do povo e satisfazel-o em todos os seus desejos e aspirações, a ovação foi estrondosamente imponente.

Por fim, disse que abraçava o sr. dr. Vieira Ramos como presidente do municipio de Barcellos, e num abraço ia todo o seu agradecimento a este povo que tanto o sensibilizou com manifestação de appoio tão caloroso. Uma tempestade enorme de aplausos sublinhou o abraço dado pelo sr. Presidente da Republica ao sr. dr. Ramos. Disse ainda o sr. dr. Sidonio Paes que tambem tinha em si alguma coisa de Barcellos, pois que nascera aqui seu avô paterno. Nova ovação.

—O sr. Abbade Leituga representante do Centro Catholico que, na ultima terça-feira á noite, apresentou na estação a s. ex.^a o senhor Presidente da Republica os seus respeitos, com os votos de vida nova, com liberdades e direitos garantidos a todos, disse testualmente s. ex.^a:

«Posso afirmar a V... que a perseguição religiosa terminou em Portugal.»

Nobres palavras, que com muito prazer ficam arquivadas nas columnas do nosso modesto jornal.

O comboio poz-se em marcha, depois de uns quarenta minutos de demora na estação, por entre calorosissimas salvas de palmas.

—As senhoras despejaram muitas flores sobre o sr. dr. Sidonio Paes.

—Um homem do povo apertou efusivamente a mão do sr. Presidente da Republica, dizendo-lhe palavras de admiração.

—Os estabelecimentos commerciaes fecharam ás 5 horas da tarde.

—Havia muita coisa que aqui queriamos salientar.

O espaço não nol-o permite, nem o tempo de que dispomos.

O Senhor Presidente da Republica enviou de Nive, ao sr. Presidente da camara, sr.^o dr. Ramos, o seguinte telegramma:

«Sua ex.^a o Presidente da Republica, encarga-me de agradecer a V. Ex.^a a carinhosa, sincera e vibrante manifestação que o povo d'essa villa acaba de lhe fazer e que muito o commoveu, pois representa o puro sentir do bom povo de Portugal.»

Pelo chefe do gabinete da guerra,
Enrico Carneira
capitão.»

Echos & Noticias

EXPEDIENTE

Por nos faltar completamente o espaço, não cabe o resto do original, que veio á ultima hora. Lembramos a conveniencia de se reduzir a noticiario as correspondencias das ableias, e a anteciparem-se no envio dos originaes, pois quem mais cedo vier, mais bem servido é.

Pelo exposto, reparem na 4.^a pagina.

Dr. Cardoso Albuquerque

Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa seguiu ha dias para o Porto o nosso illustre conterraneo e distincto medico, sr. dr. João Cardoso d'Albuquerque.

Sôpa para os pobres

E' a seguinte, a circular que está em distribuição, dimanada da digna direcção da Associação Commercial d' esta villa, pedindo donativos para a creação, n' esta villa, de uma instituição beneficente, que distribua, duas vezes por dia, sôpa aos pobres mais necessitados. E a ella damos publicidade, com o fim de pedirmos, para este assumpto a attenção de todas as pessoas que possam ajudar tão benemérita obra:

«Procurando minerar um pouco a miseria que bate á porta de tanto lar, trata a Associação Commercial de Barcellos de conseguir abrir uma cozinha — que funcionará sob sua fiscalização e administração, com o auxilio das bondosas senhoras da nossa terra, onde aquelles que luctam com a fome possam encontrar, duas vezes ao dia, um pouco de alimento para o seu corpo — uma malga de caldo e um pedaço de pão.

Para levar, porém a effeito este seu desejo, ella, que não tem os recursos precisos para este fim, tem de apellar para todos aquelles que da pobreza se condoem, pedindo-lhe o seu auxilio pecuniario, o qual poderá ser por uma só vez ou mensalmente, conforme o desejo de cada um. Os donativos podem ser enviados á commissão, que é composta pelos seguintes cavalheiros: — João Carlos Coelho da Cruz, Aurelio Ramos, Carlos Maria Vieira Ramos, João de Sousa, Agostinho J. Moreira, Francisco José de Sousa, e Sebastião Pereira de Brito.»

—A proposito d' este assumpto, lembramos que o distincto advogado, sr. dr. Reis Maia, propoz ha tempos, na Associação Humanitaria Barcellinense, que em vez dos habitantes da villa distribuirem aos sabbados as suas esmolas aos pobres, á porta, as poderiam dar a uma instituição que se creasse, com os fins d' esta a que se refere a circular da Associação Commercial. Essa ideia, que então foi muito applaudida, não poderia ter agora realisação?

—O sr. D. José Domenech e s. ex.^{ma} esposa, mandaram entregar ao illustre presidente da Associação Commercial, sr. João Carlos Coelho da Cruz, o importante donativo de 90\$000 reis, para auxiliar a obra da «Sôpa dos Pobres», benemerencia esta que mais uma vez veio mostrar quanto é generoso e bom o coração de s. ex.^{as}

—Consta-nos que já ha importantes donativos promettidos para fundo da Sôpa dos Pobres, instituição esta que desde ha muito tempo vinha sendo uma necessidade para acudir a muitas familias que vivem miseravelmente e se debatem exasperadamente, com a fome!

Que Deus proteja tão bella instituição e inspire as almas caridosas a ajudal-a.

«Revista Catholica»

Cumprimentamos este nosso muito prezado e estimado collega de Vizeu, a *Revista Catholica*, superiormente dirigida pelo distincto jornalista, sr. conego Antonio José Moita, pela sua entrada, em 1.^o de Janeiro corrente, no 28.^o anno de publicação.

Que continue assim, a pugnar tão brilhantemente pela boa causa e que o novo anno lhe seja muito próspero, são os nossos desejos muito vehementes.

Juramento de bandeiras

Fez-se, no ultimo domingo, no largo fronteiro á Igreja Matriz, a solemnidade do juramento da bandeira, por parte dos soldados incorporados no 3.^o batalhão de infantaria 8, tendo sido lido, por um illustre official do batalhão, um tocante discurso allusivo á festa.

A' hora d' esta solemnidade cahiu uma chuva miuda, que alagou todos os soldados e officiaes.

De Braga veio a bandeira do regimento perante a qual foi feito o juramento.

O quartel encontrava-se engalanado com arbustos, sendo muito visitado.

O rancho do dia foi muito melhorado. Por motivos contrarios aos nossos desejos, não nos foi possível assistir a tão solemne festa, razão esta porque não damos uma noticia mais completa.

A festa dos Bombeiros

Na noticia que inserimos em o numero passado, da festa commemorativa da passagem do anniversario da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios, deixamos de dizer, por lapso, que o sr. D. José Domenech, illustre industrial, offereceu ao cofre da Associação a importante quantia de 200\$000 reis, para material de incendio; e lembrou que seria conveniente, para atenuar um pouco a crise provocada pelo encarecimento dos generos alimenticios, que n'aquella Associação se fundasse uma Cooperativa, quando para mais não fôsse, ao menos para fornecer bons generos aos socios da Associação.

Esta lembrança parece ter já sido tomada na devida consideração, constando-nos que a digna direcção daquella casa alguns trabalhos encetou já n'este sentido.

Recenseamento eleitoral

Vae correndo o praso, marcado pela lei, para as operações da revisão do recenseamento eleitoral. E' bem preciso que todos os individuos que sabem ler e escrever e que ainda não estão recenseados, requeiram ao sr. secretario da respectiva commissão a inclusão dos seus nomes nos cadernos dos eleitores. O voto constitue para todos os cidadãos um dever indeclinavel—e o votar bem é, para todos, obrigação imposta pela consciencia do proprio eleitor.

Que em todas as freguezias d'este concelho se trabalhe desde já na revisão do recenseamento, promovendo a inclusão de nomes que lá falem e a eliminação dos que indevidamente lá estão, é o que muito insistentemente recomendamos a todas as pessoas da colligação catholica conservadora.

Nascimento

Deu á luz uma creança do sexo feminino, a ex.^{ma} esposa do sr. dr. Domingos Luciano de Figueirêdo, considerado advogado n'esta comarca.

Os nossos parabens.

Sob a Cruz

Depois de um prolongado e horroroso soffrimento, falleceu ás 7 horas da manhã da ultima sexta-feira, na sua casa da rua do Infante D. Henrique, o muito considerado guarda-livros do Banco de Barcellos e apreciado photographo-amador, sr. Julio Cesar Vallongo e Sousa.

Entristece-nos e sentimos immenso pezar, ao termos de noticiar aqui a morte de uma pessoa a quem Barcellos inteiro estimava, pelas suas qualidades de trabalho, e pelo espirito alegre que cercavam as suas convérsas.

O seu funeral realison-se ás 3 horas da tarde do ultimo domingo, debaixo de uma chuva muito impertinente, sendo o seu cadaver conduzido na carreta dos Bombeiros Voluntarios, de que o finado era socio muito antigo, e a cuja Associação prestou serviços.

Para todas as pessoas da familia de Julio Vallongo, vae a expressão muito sentida e muito sincera, do nosso pezar.

—Na freguezia de Gemeza, concelho de Espozende, finou-se a mãe do considerado negociante d'esta villa, sr. José Luiz de Miranda, a quem tambem endereçamos os nossos sentimentos.

«O Barcelense»

Deixou de pertencer ao partido evolucionista, declarando-se, em seu ultimo numero, apenas «semanario independente», o nosso collega local «O Barcelense», que no seu artigo de fundo se declara pronto a defender o governo actual contra o inimigo commum de todos: o democratismo.

Cumprimentamos o collega, por se ter affastado de quem, com os democraticos, era connivente nos crimes e adiantamentos illicitos, que agora se veem descobrindo e de que ha muito tempo se vinha fallando.

Edificio da Bolsa

Por decreto do Governo, acaba de ser entregue á Associação Commercial do Porto, o sumptuoso edificio da Bolsa, que á mesma colectividade pertencia, e que ha tempos lhe fôra tirado pelo governo democratico.

Foi um grande acto de justiça, que o Governo praticou, restituindo ao commercio da capital do norte o riquissimo edificio da Bolsa, com o qual muito nos congratulamos.

O concelho de relance

Abade de Nelva.

—No proximo domingo, tem lugar a festividade religiosa e romaria, em honra de St.^o Amaro, na capella da mesma invocação.

Consta, de manhã, de missa cantada, sermão e procissão.

De tarde, no arraial, toca a banda dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos.

Campo.—Correm as novenas de S. Sebastião, n'esta parochia e em todas as mais circumvisinhas.

—Continua melhorando a sr.^a Custodia Paulino.

—No proximo domingo, pelas 10 horas, temos aqui missa cantada e sermão a S. Sebastião, voto do ex-militar Clemente Martins da Fonte.

De manhã, commungará toda a pequenada da catechese; e toda a festa de tarde, constando de variados numeros, será dedicada ao patrono da mesma catechese — o Menino Jesus.

—A 13 e á missa parochial, leu-se de novo a doutrina da ultima Pastoral Colectiva, a respeito do dever eleitoral, commentando e explicando-se demoradamente.

Santo Deus!

—Transcrevemos d'uma nota officiosa:

«No Ministerio da Marinha, por documentos encontrados até agora, apurou se já que a despeza effectuada a bordo do Vasco da Gama, em varios jantares de confraternização, importa, até julho, reis 1:811\$600.

São interessantes entre outras as seguintes rubricas: «Preparativos para uma viagem presidencial e do governo, que não chegou a realizar-se, 196\$280 reis.»

«Despezas com a recepção do governo, imprensa e membros do congresso, por ocasião das manobras, 388\$220 reis.»

Pelo mesmo ministerio procura apurar-se a quanto montam muitas outras despezas absolutamente inuteis feitas á conta da guerra e sem lhe dizerem respeito.»

Bem nos parecia que isto do despezas de guerra havia de ser uma mina para os sem escrupulo e sem consciencia.

Em vez de se locupletarem á sua sombra, melhor fariam dando o nobre exemplo de marcharem na frente.

—O nosso collega a Vanguarda diz que no ministerio da guerra ha uma verba de 373 contos, que nunca foi justificada.

E o pobre do operario a lutar com dificuldades quasi insuperaveis para adquirir um alqueire de milho e para preparar um magro caldo.

—Esta agora é de se lhe tirar o chapéu. Elle sempre ha cada atrevido! Como é sabido, em 5 de dezembro ultimo rebentou a revolução. Pois, o sr. Norton de Matos, ao tempo ministro da Guerra, horas depois abotou-se com uns ricos 11 contos de reis, que meteu no bolso; por meio d'uma requisição, onde se via o celebre carimbo:—Despezas sem documentação!

Parece que já lhe palpitava. E lá se foi agachar, no Tejo, entre uma carga de carvão, mas com o bolso bem quente. Pobre Portugal!

Por Espozende

Diabruras d'um prestidigitador aventureiro.—Uma villa agitada.—Outras noticias.

Depois de raiarem os fulgentes louros da victoria libertadora, nas ruas de Lisboa, que houve por bem sepultar eternamente os tyranos esfaimados, que quériam fazer deste tão lindo como glorioso Portugal um sertão de Cafres, foi preso em Almeirim o celeberrimo prestidigitador de aventuras rocambolescas, Eugenio Ferreira, por alcunha o «Finanças», que gosava naquele poder tyranico e zambujal d'uma escandalosa protecção, pois só vivia de commissões de serviço acumuladas com a direcção da sua repartição, sem nunca aqui pôr pé, a não ser para perseguir qualquer inimigo pessoal ou politico; porem por piedade e esmola, libertaram-no debaixo de condigão: de nunca pôr pé em terras de Espozende, porque, então, daria ó desgosto de ser apresentado, em jaula, ao respeitavel publico, que reclanava a sua prisão, afim de ver saciada a sua colera, tantas eram as monstruosidades por ele praticadas.

Mas, sendo aventureiro e representando todas as côres, conseguiu um salvo conduto, para poder vir visitar sua familia, na festa do Natal, mas sómente por 48 horas.

Foi o bastante para pôr em scena uma sua fita comediografica; chamou a sua casa, primeiro, os amigos comparsas, tocando depois a vez á guarda republicana e officiais da Administração.

Ahi, no meio dos licores e dos crêmes, fez-se proclamar delegado do Ex.^{mo} Governador Civil do distrito, com missão especial do Governo, em virtude, segundo ele dizia, dos documentos que trazia; fez ver que quem puña e dispunha de tudo isto que era só ele, podia prender quem quizesse, inclusivê o Administrador do concelho, o nosso presado amigo, Rev.^o Giesteira. Todos, sem tirtê nem guarte, o aclamaram, bebendo em signal de regosijo por verem entre si um simples prisioneiro, mas a quem as suas artes e aventuras o tornavam um heroi, que podia continuar a sua tarefa virtuosa, nesta terra de parvoides.

Tomou immediatamente um secretario e fez logo expedir dois mandados de captura; o primeiro foi para o Sr. José Izael de Matos, que tinha sido encarregado administrativamente de auxiliar a guarda, na missão que estava incumbida, que era a prisão daquelle trunfo.

O outro foi passado contra o Sr. Americo dos Anjos Cardoso, que apesar de compadre, se vê por ele ferozmente perseguido, porque este nosso amigo sabe, —por conhecimento proprio—, pôr em relevo as suas virtudes democraticas, bem como as dos comparsas.

Ora, com o que não contava o nosso comediante, era com o efeito da sua grotesca fita. O digno Administrador telegraphou logo ao Sr. Governador Civil, contando o succedido, apoz a prisão d'aquelle Sr. Izael de Matos.

O povo já se ia manifestando desagradavelmente. Essa manifestação, porem, chegou ao seu auge, quando foi preso, em 26, aquelle nosso amigo Americo dos Anjos Cardoso, que conhecendo a fita e do que esse aventureiro era capaz, não se submeteu, protestando energicamente.

O aventureiro já se via atrapalhado, porque o fim não era senão o de submeter ás suas garras os que não comungavam no seu credo nem no dos parceiros.

O Ex.^{mo} Governador Civil enviou, ás 17 horas, um verdadeiro delegado, afim de saber dos acontecimentos e levar, sob prisão, para Braga, aquelle aventureiro, mais o cabo da guarda, Antonio Cardoso, que unicamente desobedeceera ás ordens e mandados da digna e verdadeira Autoridade administrativa, sendo este preso nesta vila e aquelle no caminho de Espozende a Barcellos, quando já se ia a pôr em fuga, arrependido de se ter metido a dar execução a tão descalabrátila aventura.

Ele até já tinha intimado pelas freguezias rurais os seus cabos d'ordens, afim de se apresentarem na respectiva Administração, para tomarem posse das competentes regedorias. Triste episodio, para o Sr. Eugenio e para aqueles a quem fez acreditar nas emaranhadas redes da sua fita, porque contra todos se estão levantando os respectivos autos,

—A nossa Camara, que por mal de nossos pecados ainda é dirigida por *meninos virtuosos*, e, apesar de ler á frente o celebre democratico, que em Coimbra não representou outro papel senão o de fazer pelos cantos d'aquella nobre cidade a apologia do catholicismo e dos ideais monarchicos, vindo para aqui a pedir, continua, alem d'outros escandalos democraticos, a sustentar um certo professor primario, que é eximio em originalidades batatredes, dando a este senhor dos cofres do municipio 12\$00 mensaes, á conta da regencia dum curso nocturno, sem nunca este ter existido, como premio das suas banalidades democraticas. O que era lá por cima, era cá por baixo.

—Um dos primeiros actos do digno Administrador do concelho, o Rev.^o P.^o Manuel Martins Giesteira, foi o de entregar ao nosso amigo o Sr. Manuel Gonçalves Marques, umas inscripções averbadas e pertencentes a este senhor, que estavam *agachadas* pelos democraticos, na Administração do concelho.

—Foi nomeado regedor desta villa o Sr. José da Silva Pinto, nosso amigo e acreditado negociante desta praça.

—A digna autoridade administrativa tem sido muito cumprimentada, por pessoas de todas as categorias sociaes, tanto deste concelho como de fora.

A. C.

De pé quebrado...

CO'AS MALEITAS!...

O' Francisco, queres saber? Esta noite, á meia-noite, Disse eu cá c'os meus botões: —Vou a casa do Landolt, De chapéu fino e guarda-sol, Encomendar cem cartões!

E para quê?—dizes tu, Para quê?—digo-te eu: Para ir todo cafito N'estes dias d'Anno-Novo, Pelas casas do Zé-Povo Apresentar minha visita!...

Braz Tizana.

Na Typographia LANDOLT

ANNUNCIOS

Espada

Vende-se. Para ver e tratar: Campo de S. José, 53—com o sr. Arthur Cardoso.

Espingarda

Vende-se uma, calibre 16, canos d'aço, «Hamersless», com prova de todas as polvoras e extractores automaticos. Quem pretender, dirija-se ao Restaurante Julio Torres—Rua Faria Barbosa, Barcellos.

Casa—Vende-se

Vende-se a antiga Casa Alves, na Rua Barjona de Freitas, 1, 3 e 5, em frente á Praça. Tratar com Aurelio Ramos, d'esta villa.

Pinheiros

Estão á venda todos os pinheiros da «Bouça do Negro», em Perelhal, os quaes são cerca de 1:500. Está encarregado de dar todos os esclarecimentos o Párocho de Barcellos, a quem os pretendentes podem procurar.